

ANÁLISE E TEORIAS DO DISCURSO¹

Karilene da Silva Corrêa
PG-UEMS

Introdução

A AD – Análise do Discurso é uma área da Linguística que tem como objeto de estudo o discurso do locutor. O estudo deste campo de análise é amplo e visa à sociedade como pesquisa. Segundo Althusser, seguidor da concepção marxista, a linguagem se materializa através da ideologia. Fez uma releitura de Marx e parte do pressuposto de que as ideologias têm existência material, portanto, devem ser estudadas como um conjunto de práticas materiais que produzem as relações de produção. O aparelho repressivo do Estado (ARE) funciona como repressor das instituições como escola e religião que se veem subordinadas a ele. O projeto da AD se inscreve num objetivo político e a linguística oferece meios para abordar a política. Althusser designa um determinado momento histórico, um estado de relações como aliança entre as classes sociais de uma comunidade, uma vez que visa à definição de uma ciência da ideologia que não fosse ideológica. Diversos teóricos das inúmeras áreas contribuíram para definir o vocábulo, ideologia, bem como a finalidade da AD diante da interpretação dos discursos oriundos de vários segmentos da sociedade.

Para o estruturalismo saussuriano, a autonomia da linguagem é unânime, não é apreendida na sua relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema fechado sobre si mesmo. Na dicotomia de Saussure, a língua/ fala é concebida como abstrata e sistêmica, de modo que difere da concepção de Pêcheux apesar de se nortear através da dicotomia saussuriana. Entretanto, não concebe nem o sujeito, nem os sentidos como individuais, mas como históricos e ideológicos. De acordo com a concepção estruturalista, cada elemento adquire sua identidade fora de si, por sua vez definem os elementos. Lacan faz uma releitura da teoria de Freud a partir da descoberta do inconsciente como uma

¹ Este é trabalho da disciplina de Análise do Discurso, ministrado pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, Mestrado em Letras da UEMS – Campo Grande-MS.

cadeia de significantes, pois o sujeito sofre uma alteração substancial, uma vez que seu estatuto de homogênea passa a ser questionado. Deste modo, o inconsciente é o lugar desconhecido, uma vez que impera o discurso do pai, da família, da lei, entre outras. Relação que define o sujeito e ganha identidade. Lacan define que o sujeito substancializado não está onde é procurado, no consciente. Apoiar-se na teoria de Jakobson através da teoria da comunicação, uma vez que cria mecanismo que exemplifique um sistema composto de elementos – remetente, destinatário, código, mensagem, contexto, canal. Tais meios que forma um circuito comunicativo entre emissor e receptor. O sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência do fato.

A especificidade da AD é o núcleo que se ocupa do estudo da língua como se fosse apenas conjunto de regras, não considera a língua enquanto conjunto histórico e social. A partir de gêneros discursivos, alguns elementos contidos nos discursos serão analisados, tanto no âmbito gramatical, semântico. Entre outras áreas capazes de refletir a língua como objeto de estudo. O trecho a seguir é transcrição do diálogo de Wood e Stock da tirinha difundida na folha de São Paulo.

“- Vinte anos atrás, eu vivia na base de sexo, drogas e rock in rol.

- Eu também.

- Passava noite e dia viajando de ácido, escutando Jefferson Airplane.

- Eu também.

- E fazendo sexo com a bete Speed, minha noiva.

- Eu também.”

Sabe-se que existem inúmeras maneiras de interpretar, de analisar o discurso. No primeiro exemplo, temos o dêitico, pronome possessivo, minha. Este surge a fim de trazer ambiguidade ao discurso, se confunde o pronome minha que se refere à noiva de Stock ou de Wood. Eles falam da mesma pessoa, ou Wood se refere à noiva que ele tem? A AD nos

possibilita a diversas interpretações, no caso da tirinha em análise, nos oferece duas interpretações. Stock dividir a noiva com Wood, ou Wood ter uma noiva que não aparece no enunciado. Pode-se observar que Stock diz em todos os quadrinhos a expressão “eu também” de modo que se inclui em todas as ações de Wood, portanto a noiva também se enquadraria. O pronome “minha” se refere a ela:

Nos enunciados a seguir, há frases que se encontram interligadas pelo conteúdo, o assunto exposto:

“O menino viu o quadro.

/ O quadro era belo.

/O menino gostou do quadro.

/(mas) o pintor não deu o quadro ao menino.”

O mais fácil é analisar sintaticamente as frases, temos um predicado nominal na segunda sentença e três predicados verbais nas demais. O menino viu o quadro (menino pratica ação de ver, portanto há um predicado verbal no período simples – o verbo viu é classificado como verbo transitivo direto, seguido de um objeto direto o quadro). Em o quadro era belo, ocorre uma qualificação do termo quadro, portanto há o predicado nominal na sentença, de acordo como a gramática normativa a sentença se estrutura da seguinte forma: sujeito (O Quadro) – verbo de ligação (era, ver ser) – predicativo do sujeito (belo, na morfologia, é classificado como adjetivo, que também tem a função de qualificar, caracterizar o substantivo). O menino gostou do quadro é um predicado verbal, seu verbo é transitivo indireto (gostou – gosta de alguma coisa, de quê?). Portanto, o verbo exige uma preposição e o complemento verbal é classificado como objeto indireto (do quadro). Na última sentença, (mas) o pintor não deu o quadro ao menino. O período aparece com a conjunção “mas” que tem valor adversativo e em seguida aparece o sujeito da oração o pintor, seguido do verbo transitivo direto e indireto “deu”, portanto, exige dois

complementos, um objeto direto (o quadro) e um indireto (ao menino). Esta última oração está relacionada às frases anteriores, uma vez que menciona o quadro e o menino. Conclui-se que as três sentenças não perderiam o sentido caso se tornassem um período composto. O menino viu e gostou do quadro, mas o pintor não deu para ele. O menino gostou do quadro, que era belo, mas o pintor não deu para ele. Há a possibilidade de estruturar as frases de várias formas, conforme os exemplos acima expostos.

O conceito de discurso é perceptível no momento em que duas questões surgem no discurso do Papa, ocorre um devaneio entre dois discursos um religioso e outro científico. A fêmea é considerada uma reprodutora, único ser capaz de dar a vida a outro ser e a clonagem que surge capaz de cumprir o papel ocupado somente pela mulher. Ocorre o confronto entre forças ideológicas, uma vez que ocupa o papel de autoridade da igreja e se fascina como um cidadão comum ao ver a evolução da ciência, da genética. Este fato, aos olhos da sociedade cristã, se torna uma heresia, uma vez que Deus é o único com capacidade de fazer com que a mulher gere outro ser e a ciência traz à luz uma teoria capaz de revolucionar a sociedade ao criar clones humanos. Na próxima análise, Calvin é o personagem-menino que assume o papel de sujeito do discurso ao dizer que “A força para mudar o que eu puder, a inabilidade de aceitar o que não posso e a incapacidade de ver a diferença, de modo que enuncia no seu interior uma formação discursiva, pois há uma luta por ideologia. Ao dizer que reza, remete à fé cristã, a inabilidade de aceitar e incapacidade de aceitar a diferença são ligadas à formação discursiva e a força de mudar, a revolta, insatisfação e a vontade de mudar estão relacionadas à formação discursiva individualista. Portanto, a sede de mudança significa uma luta por transformação da sociedade em que Calvin vive.

No texto Teoria do Discurso de Sírío Possenti: um caso de múltiplas rupturas, há o objetivo de explicar o modo que a AD se difere dos campos das ciências humanas, entende-se que a palavra discurso observa o modo que a língua funciona. Para entender a área da Linguística, Análise do Discurso, campos como o histórico, antropológico, sociológico, cognitivo, entre outros falam sobre este campo. A analista do discurso Sírío Possenti discorre neste capítulo com o objetivo de expor aspectos da concepção de discurso, bem como a ótica da ruptura. O vocábulo ruptura é compreendido no texto que há uma

quebra com a ideologia à medida que se instaura uma problemática diante da cientificidade. Ainda menciona cientistas de campos distintos como uma linguística, liderada por Saussure, a psicanálise por Freud e a Física de Copérnico.

A AD é uma teoria que tem a função de analisar conteúdo através da filologia cuja função se deve à hermenêutica, portanto, da interpretação. O rompimento da AD com a linguística reivindica uma semântica como um de seus componentes que são rompidos com a AD. A filologia é considerada a mais difícil arte de ler, pois o filólogo tem a função de conhecer a significação que é conservada através da escrita. Quanto ao âmbito da ruptura, a análise do discurso não é anti-linguística, pelo contrário, não há esta área sem a linguística, ela reconhece sua especificidade, mas limita o domínio, uma vez que não aceita uma palavra em seu sentido óbvio, tem a finalidade de verificar o que ocorre nas entrelinhas, portanto, implícito no discurso do emissor. Para a pragmática, a AD tem a intenção de se desvencilhar deste campo, visto que para a pragmática o sujeito é consciente e dotado de um saber e não desconhece um quadro social no interior do qual a interlocução se dá. Como consequência desse rompimento, há a ruptura com outro campo, a psicologia, pois a AD considera o sujeito quanto o discurso é afetado pelo inconsciente e pela ideologia, concepção desconsiderada pela psicologia.

Para Análise do Discurso (AD) francesa, o texto não é uma unidade de análise, uma vez que decorre o fato de que cada texto é parte de uma cadeia. Teoria que leva em consideração os conhecimentos prévios dos locutores e interlocutor. No entanto, o sentido de uma palavra pode ser substituído por outra, no interior da FD (Formação Discursiva). No interdiscurso que é uma das principais características da AD, há diversos nomes como: polifonia, dialogismo, heterogeneidade, intertextualidade. O verbete “interdiscurso” é entendido como um conjunto de unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita. Em suma, a AD rompe com a concepção de sujeito uno, livre, este ramo da linguística depende das demais áreas, visto que não é ciência, é o reconhecimento do interdiscurso do qual produz conhecimentos.

No texto, Ideologia, Discurso e Linguagem o autor Marlon Leal Rodrigues discorre através de diversos teóricos que criam definições a partir do vocábulo ideologia. Diversas

áreas contribuíram para definir esta palavra. A Análise do Discurso (AD) francesa tem contribuído através das ideias, crenças e valores que se materializam no discurso e na língua/linguagem de forma geral. A ideologia se apresenta como falsa consciência, ou seja, uma visão invertida da realidade, uma vez que um determinado grupo tem a função de difundir ideias e valores através de determinado segmento social. Na filosofia a partir de Marx e Engels, este campo desenvolveu a noção de ideologia e buscava refletir sobre o funcionamento social e suas transformações históricas, de modo que o tipo de leitura dependia da leitura e interpretação como fato social do interlocutor. Em analogia ao sujeito e aos fatos sociais, a história é um desenvolvimento de ideias, de modo que a ideologia é constituída pelo processo de afinidades sociais.

Para Émile Durkheim, a ideologia é considerada como o conhecimento da sociedade, que é impregnado de subjetividade, diferente do científico. Segundo Chauí, de acordo com a concepção marxista, tem o sujeito como participante do processo social. O sujeito vê, reage diante dos fatos sociais de dominação e subordinação. Outro filósofo contribui para definir o conceito de ideologia, ele afirmou que as bases da teoria marxista de criação ideológica estão relacionadas aos problemas de filosofia da linguagem, pois a palavra é um fenômeno ideológico, uma vez que atua por analogias. Althusser demonstra o lugar das manifestações das ideologias através dos aparelhos ideológicos de estado. Para Eagleton, o filósofo afirma que a ideologia é uma questão de discurso e através da linguagem surtir efeitos discursivos concretos, por sua vez, a significação se volta para práticas sociais. Já Pêcheux diz que as palavras recebem sentido da formação discursiva na qual são produzidas e o discurso é reconhecido por meio da formação discursiva que o domina e é considerado como sujeito.

Conclui-se que definir a palavra ideologia não é tão simples como parece, uma vez que é analisar o sujeito social que é produto da alienação tanto nos aspectos social, econômico, intelectual e linguístico. Para tanto, vários teóricos dos inúmeros campos das ciências humanas contribuíram para explicar o modo que a AD francesa depende dos diversos campos, bem como se difere como um campo de analisar o discurso do falante, de modo que seu discurso está interligado à sociedade em que se encontra inserido.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MUSSALIM, Fernanda, Análise do Discurso. In MUSSALIM, F. BENTES, A. C. Introdução à linguística. Domínios e fronteiras, v. 2 / 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

POSSENTI, S. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In MUSSALIM, F. BENTES, A. C. Introdução à Linguística. Fundamentos Epistemológicos, v. 3 / 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGUES, M. L. e SILVA, S. A. Ideologia, Discurso e Linguagem. In Web – Revista Página de Debate: questões de Linguística e Linguagem. Ed. 13, pág. 01 – 10, Fev/ 2010, Nova Andradina-MS. Site www.linguisticaelinguagem.cepad.net.br. Acesso em 26/07/2010.